

## NATAL DO SENHOR

### CIC 456-460, 466: “Porque é que o Verbo encarnou?”

- 456** Com o Credo Niceno-Constantinopolitano, respondemos confessando: «*Por nós, homens, e para nossa salvação, desceu dos céus; e encarnou pelo Espírito Santo no seio da Virgem Maria e Se fez homem*»<sup>1</sup>.
- 457** O Verbo fez-Se carne *para nos salvar, reconciliando-nos com Deus*: «Foi Deus que nos amou e enviou o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados» (1 Jo 4, 10). «O Pai enviou o Filho como salvador do mundo» (1 Jo 4, 14). «E Ele veio para tirar os pecados» (1 Jo 3, 5):  
«Enferma, a nossa natureza precisava de ser curada; decaída, precisava de ser elevada; morta, precisava de ser ressuscitada. Tínhamos perdido a posse do bem; era preciso que nos fosse restituído. Encerrados nas trevas, precisávamos de quem nos trouxesse a luz; cativos, esperávamos um salvador; prisioneiros, esperávamos um auxílio; escravos, precisávamos dum libertador. Seriam razões sem importância? Não seriam suficientes para comover a Deus, a ponto de O fazer descer até à nossa natureza humana para a visitar, já que a humanidade se encontrava em estado tão miserável e infeliz?»<sup>2</sup>.
- 458** O Verbo fez-Se carne, *para que assim conhecêssemos o amor de Deus*: «Assim se manifestou o amor de Deus para conosco: Deus enviou ao mundo o seu Filho Unigénito, para que vivamos por Ele» (1 Jo 4, 9). «Porque Deus amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n’Ele não pereça, mas tenha a vida eterna» (Jo 3, 16).
- 459** O Verbo fez-Se carne, *para ser o nosso modelo de santidade*: «Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim [...] » (Mt 11, 29). «Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vai ao Pai senão por Mim» (Jo 14, 6). E o Pai, na montanha da Transfiguração, ordena: «Escutai-O» (Mc 9, 7)<sup>3</sup>. De facto, Ele é o modelo das bem-aventuranças e a norma da Lei nova: «Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei» (Jo 15, 12). Este amor implica a oferta efectiva de nós mesmos, no seu seguimento<sup>4</sup>.
- 460** O Verbo fez-Se carne, *para nos tornar «participantes da natureza divina»* (2 Pe 1, 4): «Pois foi por essa razão que o Verbo Se fez homem, e o Filho de Deus Se fez Filho do Homem: foi para que o homem, entrando em comunhão com o Verbo e recebendo assim a adopção divina, se tornasse filho de Deus»<sup>5</sup>. «Porque o Filho de Deus fez-Se homem, para nos fazer deuses»<sup>6</sup>. «*Unigenitus [...] Dei*

<sup>1</sup> DS 150.

<sup>2</sup> SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *Oratio catechetica* 15, 3: TD 7, 78 (PG 45, 48).

<sup>3</sup> Cf. Dt 6, 4-5.

<sup>4</sup> Cf. Mc 8, 34.

<sup>5</sup> SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses* 3, 19, 1: SC 211, 374 (PG 7, 939).

<sup>6</sup> SANTO ATANÁSIO, *De Incarnatione*, 54, 3: SC 199, 458 (PG 25, 192B).

*Filius, suae divinitatis volens nos esse participes, naturam nostram assumpsit, ut homines deos faceret factus homo* – O Filho Unigénito de Deus, querendo que fôssemos participantes da sua divindade, assumiu a nossa natureza para que, feito homem, fizesse os homens deuses»<sup>7</sup>.

- 466** A heresia nestoriana via em Cristo uma pessoa humana unida à pessoa divina do Filho de Deus. Perante esta heresia, São Cirilo de Alexandria e o terceiro Concílio ecuménico, reunido em Éfeso em 431, confessaram que «o Verbo, unindo na sua pessoa uma carne animada por uma alma racional, Se fez homem»<sup>8</sup>. A humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde que foi concebida. Por isso, o Concílio de Éfeso proclamou, em 431, que Maria se tornou, com toda a verdade, Mãe de Deus, por ter concebido humanamente o Filho de Deus em seu seio: «Mãe de Deus, não porque o Verbo de Deus dela tenha recebido a natureza divina, mas porque dela recebeu o corpo sagrado, dotado duma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne»<sup>9</sup>.

#### **CIC 461-463, 470-478: a Encarnação**

- 461** Retomando a expressão de São João («o Verbo fez-Se carne»: *Jo* 1, 14), a Igreja chama «Encarnação» ao facto de o Filho de Deus ter assumido uma natureza humana, para nela levar a efeito a nossa salvação. Num hino que nos foi conservado por São Paulo, a Igreja canta este mistério:

«Tende em vós os mesmos sentimentos que havia em Cristo Jesus. Ele, que era de condição divina, não se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio, assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte, e morte de Cruz» (*Fl* 2, 5-8)<sup>10</sup>.

- 462** A Epístola aos Hebreus fala do mesmo mistério:

«É por isso que, ao entrar neste mundo, Cristo diz: “Não quiseste sacrifícios e oferendas, mas formaste-Me um corpo. Holocaustos e imolações pelo pecado não Te foram agradáveis. Então Eu disse: Eis-Me aqui [...] para fazer a tua vontade”» (*Heb* 10, 5-7, citando o *Sl* 40, 7-9, segundo os LXX).

- 463** A fé na verdadeira Encarnação do Filho de Deus é o sinal distintivo da fé cristã: «Nisto haveis de reconhecer o Espírito de Deus: todo o espírito que confessa a Jesus Cristo encarnado é de Deus» (*1 Jo* 4, 2). É esta a alegre convicção da Igreja desde o princípio, ao cantar «o grande mistério da piedade»: «Ele manifestou-Se na carne» (*1 Tm* 3, 16).

<sup>7</sup> SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Officium de festo corporis Christi*, Ad Matutinas, In primo Nocturno, Lectio 1: *Opera omnia*, v. 29 (Parisiis 1876) p. 336.

<sup>8</sup> CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 250.

<sup>9</sup> CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 251.

<sup>10</sup> Cf. *Cântico nas 1 Vésperas de Domingo: Liturgia Horarum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1973-1974), v. 1, p. 545.629.718 e 808; v. 2, p. 844.937.1037 e 1129; v. 3, p. 548.669.793 e 916; v. 4, p. 496.617.741 e 864 [Ed. portuguesa: *Liturgia das Horas* (Gráfica de Coimbra 1983), v. 1, p. 621.710.803 e 897; v. 2, p. 984, 1079, 1182 e 1278; v. 3, p. 685.800.918 e 1032; v. 4, p.633.748.866 e 980]

**470** Uma vez que, na união misteriosa da Encarnação, «a natureza humana foi assumida, não absorvida»<sup>11</sup>, a Igreja, no decorrer dos séculos, foi levada a confessar a plena realidade da alma humana, com as suas operações de inteligência e vontade, e do corpo humano de Cristo. Mas, paralelamente, a mesma Igreja teve de lembrar repetidamente que a natureza humana de Cristo pertence, como própria, à pessoa divina do Filho de Deus que a assumiu. Tudo o que Ele fez e faz nela, depende de «um da Trindade». Portanto, o Filho de Deus comunica à sua humanidade o seu próprio modo de existir pessoal na Santíssima Trindade. E assim, tanto na sua alma como no seu corpo, Cristo exprime humanamente os costumes divinos da Trindade<sup>12</sup>:

«O Filho de Deus trabalhou com mãos humanas, pensou com uma inteligência humana, agiu com uma vontade humana, amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, excepto no pecado»<sup>13</sup>.

#### A ALMA E O CONHECIMENTO HUMANO DE CRISTO

**471** Apolinário de Laodiceia afirmava que, em Cristo, o Verbo tinha ocupado o lugar da alma ou do espírito. Contra este erro, a Igreja confessou que o Filho eterno assumiu também uma alma racional humana<sup>14</sup>.

**472** Esta alma humana, que o Filho de Deus assumiu, é dotada de um verdadeiro conhecimento humano. Como tal, este não podia ser por si mesmo ilimitado. Exercia-se nas condições históricas da sua existência no espaço e no tempo. Foi por isso que o Filho de Deus, fazendo-Se homem, pôde aceitar «crescer em sabedoria, estatura e graça» (Lc 2, 52) e também teve de Se informar sobre o que, na condição humana, deve aprender-se de modo experimental<sup>15</sup>. Isso correspondia à realidade do seu abatimento voluntário na «condição de servo»<sup>16</sup>.

**473** Mas, ao mesmo tempo, este conhecimento verdadeiramente humano do Filho de Deus exprimia a vida divina da sua pessoa<sup>17</sup>. «A natureza humana do Filho de Deus, não por si mesma, mas pela sua união com o Verbo, conhecia e manifestava em si tudo o que é próprio de Deus»<sup>18</sup>. É o caso, em primeiro lugar, do conhecimento íntimo e imediato que o Filho de Deus feito homem tem do seu Pai<sup>19</sup>. O Filho também mostrava, no seu conhecimento humano, a clarividência divina que tinha dos pensamentos secretos do coração dos homens<sup>20</sup>.

**474** Pela sua união com a Sabedoria divina na pessoa do Verbo Encarnado, o conhecimento humano de Cristo gozava, em plenitude, da ciência dos desígnios eter-

<sup>11</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

<sup>12</sup> Cf. *Jo* 14, 9-10.

<sup>13</sup> II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042-1043.

<sup>14</sup> Cf. SÃO DÁMASO I, Epistula «*Hóti tē apostolikē kathédra*»: DS 149.

<sup>15</sup> Cf. *Mc* 6, 38; 8, 27; *Jo* 11, 34; etc.

<sup>16</sup> Cf. *Fl* 2, 7.

<sup>17</sup> Cf. SÃO GREGÓRIO MAGNO, Ep. *Sicut aqua*: DS 475.

<sup>18</sup> SÃO MÁXIMO CONFESSOR, *Quaestiones et dubia*, Q. I, 67: CCG 10, 155 (66: PG 90, 840).

<sup>19</sup> Cf. *Mc* 14, 36; *Mt* 11, 27; *Jo* 1, 18; 8, 55; etc.

<sup>20</sup> Cf. *Mc* 2, 8; *Jo* 2, 25; 6, 61; etc.

nos que tinha vindo revelar<sup>21</sup>. O que neste domínio Ele reconhece ignorar<sup>22</sup> declara, noutra ponto, não ter a missão de o revelar<sup>23</sup>.

#### A VONTADE HUMANA DE CRISTO

- 475 De igual modo, a Igreja confessou, no sexto Concílio ecuménico, que Cristo possui duas vontades e duas operações naturais, divinas e humanas, não opostas mas cooperantes, de maneira que o Verbo feito carne quis humanamente, em obediência ao Pai, tudo quanto decidiu divinamente com o Pai e o Espírito Santo para a nossa salvação<sup>24</sup>. A vontade humana de Cristo «segue a sua vontade divina, sem fazer resistência nem oposição em relação a ela, antes estando subordinada a essa vontade onnipotente»<sup>25</sup>.

#### O VERDADEIRO CORPO DE CRISTO

- 476 Uma vez que o Verbo Se fez carne, assumindo uma verdadeira natureza humana, o corpo de Cristo era circunscrito<sup>26</sup>. Portanto, o rosto humano de Jesus pode ser «pintado»<sup>27</sup>. No VII Concílio ecuménico<sup>28</sup>, a Igreja reconheceu como legítimo que ele fosse representado em santas imagens.
- 477 Ao mesmo tempo, a Igreja sempre reconheceu que, no corpo de Jesus, «Deus que, por sua natureza, era invisível, tornou-Se visível aos nossos olhos»<sup>29</sup>. Com efeito, as particularidades individuais do corpo de Cristo exprimem a pessoa divina do Filho de Deus. Este fez seus os traços do seu corpo humano, de tal modo que, pintados numa imagem sagrada, podem ser venerados porque o crente que venera a sua imagem, «venera nela a pessoa nela representada»<sup>30</sup>.

#### O CORAÇÃO DO VERBO ENCARNADO

- 478 Jesus conheceu-nos e amou-nos, a todos e a cada um, durante a sua vida, a sua agonia e a sua paixão, entregando-Se por cada um de nós: «O Filho de Deus amou-me e entregou-Se por mim» (*Gl* 2, 20). Amou-nos a todos com um coração humano. Por esse motivo, o Sagrado Coração de Jesus, trespassado pelos nossos pecados e para nossa salvação<sup>31</sup>, «*praecipuus consideratur index et symbolus... illius amoris, quo divinus Redemptor aeternum Patrem hominesque universos continenter adamat* – é considerado sinal e símbolo por excelência...

<sup>21</sup> Cf. *Mc* 8, 31; 9, 31; 10, 33-34; 14, 18-20. 26-30.

<sup>22</sup> Cf. *Mc* 13, 32.

<sup>23</sup> Cf. *Act* 1, 7.

<sup>24</sup> Cf. III CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA (ano 681), Sess. 18ª, *Definitio de duabus in Christo voluntatibus et operationibus*: DS 556-559.

<sup>25</sup> III CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA (ano 681), Sess. 18ª, *Definitio de duabus in Christo voluntatibus et operationibus*: DS 556

<sup>26</sup> Cf. CONCÍLIO DE LATRÃO (ano 649), Canon 4: DS 504.

<sup>27</sup> Cf. *Gl* 3, 1.

<sup>28</sup> II CONCÍLIO DE NICEIA (ano 787), Act. 7ª, *Definitio de sacris imaginibus*: DS 600-603.

<sup>29</sup> *Prefácio do Natal II: Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 396 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, p. 458].

<sup>30</sup> II CONCÍLIO DE NICEIA, Act. 7ª, *Definitio de sacris imaginibus*: DS 601.

<sup>31</sup> Cf. *Jo* 19, 34.

daquele amor com que o divino Redentor ama sem cessar o eterno Pai e todos os homens»<sup>32</sup>.

#### CIC 437, 525-526: o mistério do Natal

**437** O anjo anunciou aos pastores o nascimento de Jesus como sendo o do Messias prometido a Israel: «nasceu-vos hoje, na cidade de David, um salvador que é Cristo, Senhor» (*Lc 2, 11*). Desde a origem, Ele é «Aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo» (*Jo 10, 36*), concebido como «santo» no seio virginal de Maria<sup>33</sup>. José foi convidado por Deus a «levar para sua casa Maria, sua esposa», grávida d'«Aquele que nela foi gerado pelo poder do Espírito Santo» (*Mt 1, 20*), para que Jesus, «chamado Cristo», nascesse da esposa de José, na descendência messiânica de David (*Mt 1, 16*)<sup>34</sup>.

#### O MISTÉRIO DO NATAL

**525** Jesus nasceu na humildade dum estábulo, no seio duma família pobre<sup>35</sup>. As primeiras testemunhas deste acontecimento são simples pastores. E é nesta pobreza que se manifesta a glória do céu<sup>36</sup>. A Igreja não se cansa de cantar a glória desta noite:

«Hoje a Virgem dá à luz o Eterno  
e a terra oferece uma gruta ao Inacessível.  
Cantam-n'O os anjos e os pastores,  
e com a estrela, os magos põem-se a caminho,  
porque Tu nasceste para nós,  
pequenino, Deus eterno!»<sup>37</sup>

**526** «Tornar-se criança» diante de Deus é a condição para entrar no Reino<sup>38</sup>, e para isso, é preciso abaixar-se<sup>39</sup>, tornar-se pequeno. Mais ainda: é preciso «nascer do Alto» (*Jo 3, 7*), «nascer de Deus»<sup>40</sup>, para se «tornar filho de Deus»<sup>41</sup>. O mistério do Natal cumpre-se em nós quando Cristo «Se forma» em nós<sup>42</sup>. O Natal é o mistério desta «admirável permuta»:

«*O admirabile commercium! Creator generis humani, animatum corpus sumens de Virgine nasci dignatus est; et, procedens homo sine semine, largitus est nobis suam deitatem* – Oh admirável permuta! O Criador do género humano, tomando corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem sem progenitor humano, tornou-nos participantes da sua divindade!»<sup>43</sup>

<sup>32</sup> PIO XII, Enc. *Haurietis aquas*: DS 3924; cf. Id., Enc. *Mystici corporis*: DS 3812.

<sup>33</sup> Cf. *Lc 1, 35*.

<sup>34</sup> Cf. *Rm 1, 3*; *2 Tm 2, 8*; *Ap 22, 16*.

<sup>35</sup> Cf. *Lc 2, 6-7*.

<sup>36</sup> Cf. *Lc 2, 8-20*.

<sup>37</sup> SÃO ROMANO O MELÓDIO, *Kontakion*, 10, *In diem Nativitatis Christi*, Prooemium: SC 110, 50.

<sup>38</sup> Cf. *Mt 18, 3-4*.

<sup>39</sup> Cf. *Mt 23, 12*.

<sup>40</sup> Cf. *Jo 1, 13*.

<sup>41</sup> Cf. *Jo 1, 12*.

<sup>42</sup> Cf. *Gl 4, 19*.

<sup>43</sup> *Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus*, 1ª Antífona das I e II Vésperas: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973), p. 385 e 397 [a versão oficial portuguesa é menos exacta: «Oh admirável mistério! O Criador do

## CIC 439, 496, 559, 2616: Jesus é o filho de David

**439** Numerosos judeus, e mesmo alguns pagãos que partilhavam da sua esperança, reconheceram em Jesus os traços fundamentais do messiânico «filho de David», prometido por Deus a Israel<sup>44</sup>. Jesus aceitou o título de Messias a que tinha direito<sup>45</sup>, mas não sem reservas, uma vez que esse título era compreendido, por numerosos dos seus contemporâneos, segundo um conceito demasiado humano<sup>46</sup>, essencialmente político<sup>47</sup>.

### A VIRGINDADE DE MARIA

**496** Desde as primeiras formulações da fé<sup>48</sup>, a Igreja confessou que Jesus foi concebido unicamente pelo poder do Espírito Santo no seio da Virgem Maria, afirmando igualmente o aspecto corporal deste acontecimento: Jesus foi concebido «*absque semine, ex Spiritu Sancto* – do Espírito Santo, sem sêmen [de homem]»<sup>49</sup>. Os santos Padres vêem, na conceição virginal, o sinal de que foi verdadeiramente o Filho de Deus que veio ao mundo numa humanidade como a nossa:

Diz, por exemplo, Santo Inácio de Antioquia (princípio do século II): «Vós estais firmemente convencidos, a respeito de nosso Senhor, que Ele é verdadeiramente da raça de David segundo a carne<sup>50</sup>, Filho de Deus segundo a vontade e o poder de Deus<sup>51</sup>; verdadeiramente nascido duma virgem [...], foi verdadeiramente crucificado por nós, na sua carne, sob Pôncio Pilatos [...] e verdadeiramente sofreu, como também verdadeiramente ressuscitou»<sup>52</sup>.

### A ENTRADA MESSIÂNICA DE JESUS EM JERUSALÉM

**559** Como vai Jerusalém acolher o seu Messias? Embora tenha sempre evitado as tentativas populares de O fazerem rei<sup>53</sup>, Jesus escolheu o momento e preparou os pormenores da sua entrada messiânica na cidade de «David, seu pai» (*Lc* 1, 32)<sup>54</sup>. E é aclamado como filho de David e como aquele que traz a salvação («Hosanna» quer dizer «então salva!», «dá a salvação»). Ora, o «rei da glória» (*Sl* 24, 7-10) entra na «sua cidade», «montado num jumento» (*Zc* 9, 9). Não conquista a filha de Sião, figura da sua Igreja, nem pela astúcia nem pela violência, mas pela humildade que dá testemunho da verdade<sup>55</sup>. Por isso é que, naquele dia, os súbditos do seu Reino são as crianças<sup>56</sup> e os «pobres de Deus», que O aclamam, tal como os anjos O tinham anunciado aos pastores<sup>57</sup>. A acla-

---

género humano, tomando corpo e alma, dignou-Se nascer duma Virgem; e, feito homem, tornou-nos participantes da sua divindade!»: *Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983), p. 426 e 441].

<sup>44</sup> Cf. *Mt* 2, 2; 9, 27; 12, 23; 15, 22; 20, 30; 21, 9.15.

<sup>45</sup> Cf. *Jo* 4, 25-26; 11, 27.

<sup>46</sup> Cf. *Mt* 22, 41-46.

<sup>47</sup> Cf. *Jo* 6, 15; *Lc* 24, 21.

<sup>48</sup> Cf. DS 10-64.

<sup>49</sup> CONCÍLIO DE LATRÃO, (ano 649), Canon 3: DS 503.

<sup>50</sup> Cf. *Rm* 1, 3.

<sup>51</sup> Cf. *Jo* 1, 13.

<sup>52</sup> SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Smyrnaeos* 1-2: SC 10bis, p. 132-134 (FUNK 1, 274-276).

<sup>53</sup> Cf. *Jo* 6, 15.

<sup>54</sup> Cf. *Mt* 21, 1-11.

<sup>55</sup> Cf. *Jo* 18, 37.

<sup>56</sup> Cf. *Mt* 21, 15-16; *Sl* 8, 3.

<sup>57</sup> Cf. *Lc* 19, 38; 2, 14.

mação deles: «Bendito o que vem em nome do Senhor» (Sl 118, 26) é retomada pela Igreja no «*Sanctus*» da Liturgia Eucarística, a abrir o memorial da Páscoa do Senhor.

#### JESUS ATENDE A ORAÇÃO

**2616** A oração *a Jesus* já foi sendo atendida por Ele durante o seu ministério, mediante os sinais que antecipam o poder da sua morte e ressurreição: Jesus atende a oração da fé expressa em palavras (do leproso<sup>58</sup>, de Jairo<sup>59</sup>, da cananeia<sup>60</sup>, do bom ladrão<sup>61</sup>) ou feita em silêncio (dos que trouxeram o paralítico<sup>62</sup>, da hemorroíssa que Lhe tocou na veste<sup>63</sup>, as lágrimas e o perfume da pecadora<sup>64</sup>). A súplica premente dos cegos: «Filho de David, tem piedade de nós!» (Mt 9, 27), ou «Jesus, filho de David, tem piedade de mim!» (Mc 10, 48), foi retomada na tradição da *Oração a Jesus*: «Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador!». Seja a cura das doenças ou o perdão dos pecados, Jesus responde sempre à oração de quem Lhe implora com fé: «Vai em paz, a tua fé te salvou».

Santo Agostinho resume admiravelmente as três dimensões da oração de Jesus: «sendo o nosso Sacerdote, ora por nós; sendo a nossa Cabeça, ora em nós; e sendo o nosso Deus, a Ele oramos. Reconheçamos, pois, n'Ele a nossa voz e a voz d'Ele em nós»<sup>65</sup>.

#### CIC 65, 102: Deus disse tudo no seu Verbo

##### NO SEU VERBO, DEUS DISSE TUDO

**65** «Muitas vezes e de muitos modos falou Deus antigamente aos nossos pais, pelos Profetas. Nestes dias, que são os últimos, falou-nos pelo seu Filho» (*Heb* 1, 1-2). Cristo, Filho de Deus feito homem, é a Palavra única, perfeita e insuperável do Pai.

N'Ele, o Pai disse tudo. Não haverá outra palavra além dessa. São João da Cruz, após tantos outros, exprime-o de modo luminoso, ao comentar *Heb* 1, 1-2:

«Ao dar-nos, como nos deu, o seu Filho, que é a sua Palavra – e não tem outra – (Deus) disse-nos tudo ao mesmo tempo e de uma só vez nesta Palavra única e já nada mais tem para dizer. [...] Porque o que antes disse parcialmente pelos profetas, revelou-o totalmente, dando-nos o Todo que é o seu Filho. E por isso, quem agora quisesse consultar a Deus ou pedir-lhe alguma visão ou revelação, não só cometeria um disparate, mas faria agravo a Deus, por não pôr os olhos totalmente em Cristo e buscar fora d'Ele outra realidade ou novidade»<sup>66</sup>.

<sup>58</sup> Cf. *Mc* 1, 40-41.

<sup>59</sup> Cf. *Mc* 5, 36.

<sup>60</sup> Cf. *Mc* 7, 29.

<sup>61</sup> Cf. *Lc* 23, 39-43.

<sup>62</sup> Cf. *Mc* 2, 5.

<sup>63</sup> Cf. *Mc* 5, 28.

<sup>64</sup> Cf. *Lc* 7, 37-38.

<sup>65</sup> SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 85, 1 CCL 39, 1176 (PL 36, 1081); cf. *Instrução geral da Liturgia das Horas, 7: Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 24 [*Liturgia das Horas*, v. 1 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 26].

<sup>66</sup> SÃO JOÃO DA CRUZ, *Subida del monte Carmelo* 2, 22, 3-5: *Biblioteca Mística Carmelitana*, v. 11, Burgos 1929, p. 184 [ID., *Obras Completas* (Paço de Arcos, Edições Carmelo 1986) p. 196 = Segunda Leitura do Ofício de Leituras da Segunda-Feira da II Semana do Advento].

**102** Através de todas as palavras da Sagrada Escritura, Deus não diz mais que uma só Palavra, o seu Verbo único, em quem totalmente Se diz<sup>67</sup>:

«Lembra-vos de que o discurso de Deus que se desenvolve em todas as Escrituras é um só, e um só é o Verbo que Se faz ouvir na boca de todos os escritores sagrados, o qual, sendo no princípio Deus junto de Deus, não tem necessidade de sílabas, pois não está sujeito ao tempo»<sup>68</sup>.

### **CIC 333: o Cristo encarnado é adorado pelos Anjos**

**333** Da Encarnação à Ascensão, a vida do Verbo Encarnado é rodeada da adoração e serviço dos anjos. Quando Deus «introduziu no mundo o seu Primogénito, disse: Adorem-n’O todos os anjos de Deus» (*Heb 1, 6*). O seu cântico de louvor, na altura do nascimento de Cristo, nunca deixou de se ouvir no louvor da Igreja: «Glória a Deus [...]» (*Lc 2, 14*). Eles protegem a infância de Jesus<sup>69</sup>, servem-n’O no deserto<sup>70</sup> e confortam-n’O na agonia<sup>71</sup>, no momento em que por eles poderia ter sido salvo das mãos dos inimigos<sup>72</sup> como outrora Israel<sup>73</sup>. São ainda os anjos que «evangelizam»<sup>74</sup>, anunciando a Boa-Nova da Encarnação<sup>75</sup> e da Ressurreição<sup>76</sup> de Cristo. E estarão presentes aquando da segunda vinda de Cristo, que anunciam<sup>77</sup>, ao serviço do seu juízo<sup>78</sup>.

### **CIC 1159-1162, 2131, 2502: a Encarnação e as imagens de Cristo**

#### AS SANTAS IMAGENS

**1159** A imagem sagrada, o «ícone» litúrgico, representa principalmente *Cristo*. Não pode representar o Deus invisível e incompreensível; foi a Encarnação do Filho de Deus que inaugurou uma nova «economia» das imagens:

«Outrora Deus, que não tem nem corpo nem figura, não podia de modo algum, ser representado por uma imagem. Mas agora, que Ele se fez ver na carne e viveu no meio dos homens, eu posso fazer uma imagem daquilo que vi de Deus [...] Contemplamos a glória do Senhor com o rosto descoberto»<sup>79</sup>.

**1160** A iconografia cristã transpõe para a imagem a mensagem evangélica que a Sagrada Escritura transmite pela palavra. Imagem e palavra esclarecem-se mutuamente:

<sup>67</sup> Cf. *Heb 1, 1-3*.

<sup>68</sup> SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum* 103, 4, 1: CCL 40, 1521 (PL 37, 1378).

<sup>69</sup> Cf. *Mt 1, 20; 2, 13-19*.

<sup>70</sup> Cf. *Mc 1, 13; Mt 4, 11*.

<sup>71</sup> Cf. *Lc 22, 43*.

<sup>72</sup> Cf. *Mt 26, 53*.

<sup>73</sup> Cf. *2 Mac 10, 29-30; 11, 8*.

<sup>74</sup> Cf. *Lc 2, 10*.

<sup>75</sup> Cf. *Lc 2, 8-14*.

<sup>76</sup> Cf. *Mc 16, 5-7*.

<sup>77</sup> Cf. *Act 1, 10-11*.

<sup>78</sup> Cf. *Mt 13, 41; 24, 31; Lc 12, 8-9*.

<sup>79</sup> SÃO JOÃO DAMASCENO, *De sacris imaginibus oratio* 1, 16: PTS 17, 89 e 92 (PG 94, 1245 e 1248).



«Para dizer brevemente a nossa profissão de fé, nós conservamos todas as tradições da Igreja, escritas ou não, que nos foram transmitidas intactas. Uma delas é a representação pictórica das imagens, que está de acordo com a pregação da história evangélica, acreditando que, de verdade e não só de modo aparente, o Deus Verbo Se fez homem, o que é tão útil como proveitoso, pois as coisas que mutuamente se esclarecem têm indubitavelmente uma significação recíproca»<sup>80</sup>.

**1161** Todos os sinais da celebração litúrgica fazem referência a Cristo: também as imagens sagradas da Mãe de Deus e dos santos. De facto, elas significam Cristo que nelas é glorificado; manifestam «a nuvem de testemunhas» (*Heb 12, 1*) que continuam a participar na salvação do mundo e às quais estamos unidos, sobretudo na celebração sacramental. Através dos seus ícones, é o homem «à imagem de Deus», finalmente transfigurado «à sua semelhança»<sup>81</sup>, que se revela à nossa fé – como ainda os anjos, também eles recapitulados em Cristo:

«Seguindo a doutrina divinamente inspirada dos nossos santos Padres e a tradição da Igreja Católica, que nós sabemos ser a tradição do Espírito Santo que nela habita, definimos com toda a certeza e cuidado que as veneráveis e santas imagens, bem como as representações da Cruz preciosa e vivificante, pintadas, representadas em mosaico ou de qualquer outra matéria apropriada, devem ser colocadas nas santas igrejas de Deus, sobre as alfaias e vestes sagradas, nos muros e em quadros, nas casas e nos caminhos; e tanto a imagem de nosso Senhor, Deus e Salvador, Jesus Cristo, como a de nossa Senhora, a puríssima e santa Mãe de Deus, a dos santos anjos e de todos os santos e justos»<sup>82</sup>.

**1162** «A beleza e a cor das imagens estimulam a minha oração. É uma festa para os meus olhos e, tal tanto como o espectáculo do campo, impele o meu coração a dar glória a Deus»<sup>83</sup>. A contemplação dos sagrados ícones, unida à meditação da Palavra de Deus e ao canto dos hinos litúrgicos, entra na harmonia dos sinais da celebração, para que o mistério celebrado se imprima na memória do coração e se exprima depois na vida nova dos fiéis.

**2131** Com base no mistério do Verbo encarnado, o sétimo Concílio ecuménico, de Niceia (ano de 787) justificou, contra os iconoclastas, o culto dos ícones: dos de Cristo, e também dos da Mãe de Deus, dos anjos e de todos os santos. Encarnando, o Filho de Deus inaugurou uma nova «economia» das imagens.

**2502** A *arte sacra* é verdadeira e bela quando corresponde, pela forma, à sua vocação própria: evocar e glorificar, na fé e na adoração, o mistério transcendente de Deus, sobreeminente beleza invisível da verdade e do amor, manifestada em Cristo, «esplendor da sua glória e imagem da sua substância» (*Heb 1, 3*), no qual «habita corporalmente toda a plenitude da divindade» (*Cl 2, 9*); beleza espiritual reflectida na santíssima Virgem Mãe de Deus, nos anjos e nos santos. A verdadeira arte sacra leva o homem à adoração, à oração e ao amor de Deus, Criador e Salvador, Santo e Santificador.

<sup>80</sup> II CONCÍLIO DE NICEIA (em 787), *Terminus*: COD p. 135.

<sup>81</sup> Cf. *Rm 8, 29*; *1 Jo 3, 2*.

<sup>82</sup> II CONCÍLIO DE NICEIA, *Definitio de sacris imaginibus*: DS 600.

<sup>83</sup> SÃO JOÃO DAMASCENO, *De sacris imaginibus oratio* 1, 47: PTS 17, 151 (PG 94, 1268).